



O DISCURSO
RELIGIOSO NA
MÍDIA DIGITAL:
ENTRE A
DIVERSIDADE E A
INTRANSIGÊNCIA

Ronivaldo Moreira de Souza

Doutorando em Comunicação pela UMESP

Mestre em Ciências das Religiões pela

Faculdade Unida de Vitória.

RESUMO

Esta pesquisa adota os conceitos teóricos de Dominique Maingueneau para quem o discurso religioso se inscreve na categoria dos Discursos Constituintes cuja principal característica é se estabelecer como discurso maximamente autorizado não reconhecendo nenhum outro acima dele. A partir deste pressuposto investiga-se como a Igreja Universal do Reino de Deus demarca sua autoridade institucional por um lado mantendo a natureza constituinte de seu discurso e, por outro, adaptando seu dizer a uma mídia digital caracterizada pela confluência e profusão de discursos. Recorrendo aos pressupostos da Escola Francesa de Análise do Discurso, esta pesquisa delimita como objeto os testemunhos que a IURD publica em sua página na internet (www.eucreioemmilagres.com.br) observando este jogo discursivo que alterna entre a apropriação e a exclusão do discurso outro.

Palavras-chave: Discurso religioso; Mídia digital; Igreja Universal do Reino de Deus.

INTRODUÇÃO

Uma das características constitutivas do discurso religioso é o seu estatuto auto-fundado, ou seja, ele fundamenta em si mesmo a sua autoridade não dependendo de outros discursos para validá-lo. Sendo assim, seu funcionamento lhe possibilita normatizar os atos da coletividade à medida que se inscreve como discurso maximamente autorizado.

Porém, a relação entre religião e mídia tem afetado a forma de demarcação de espaços e adesão de fiéis. Essa relação de concorrência entre as religiões, tendo como arena a mídia, estabelece um duplo desafio para as instituições religiosas: ficar fora do contexto midiático pode significar perda de legitimidade organizacional e, migrar para a mídia, exige adaptação entre o discurso religioso e o suporte que o veicula.

Dentre os meios de comunicação possíveis, o ciberespaço se apresenta como um potencial desafio, pois, a diversidade característica do meio tende a ser uma ameaça à transcendência e à

natureza constitutiva do discurso religioso. Essa pesquisa tem como proposta investigar como o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus funciona na mídia digital tendo, por um lado, o desafio de preservar sua natureza constitutiva e, por outro, a (con)vivência em um meio povoado por uma infinidade de outros discursos.

O DISCURSO RELIGIOSO

A noção de discurso constituinte foi introduzida por Maingueneau com a proposta de “agrupar numa unidade consistente discursos como o discurso religioso, o filosófico, o literário e o científico” (MAINGUENEAU, 2008, 37). Ao enquadrar tais discursos em uma mesma categoria, foram evidenciadas certas propriedades comuns entre eles.

Para o autor a pretensão destes discursos “é de não reconhecer outra autoridade além da sua própria, de não admitir quaisquer outros discursos acima deles” (MAINGUENEAU, 2008, 37). Sendo assim, os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade e sustentam muitos outros gêneros do discurso. Tal fato é evidenciado por ocasião de certos debates sociais quando filósofos, teólogos e intelectuais são consultados como quem tendo um discurso último sobre tais questões. Para Maingueneau esta posição de “zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras” (MAINGUENEAU, 2008, 38-39) confere aos discursos constituintes um estatuto singular.

Para se tornar fiadores dos demais discursos, os discursos constituintes não podem admitir discursos que os validem, pelo contrário, eles precisam gerir na própria enunciação um estatuto auto-fundado (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, 126). Foucault observou que os textos religiosos se enquadram num tipo de discurso que não desaparece com o próprio ato de seu pronunciamento – o caso daquilo que se diz no correr dos dias – mas, que uma vez ditos são

conservados por se imaginar haver neles “algo como uma riqueza ou um segredo [...], ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são *ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 1996, 22).

Indo além, Maingueneau concluiu que a apreensão desta constituição se dá em duas dimensões: Uma que investiga a constituição “como processo pelo qual o discurso se instaura, construindo sua própria emergência no interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008, 39); e a outra que a partir da coesão discursiva e dos modos de organização, estabelece a constituição como “um agenciamento de elementos formador de uma totalidade textual” (MAINGUENEAU, 2008, 39). Nesta perspectiva os discursos constituintes operam normatizando e garantindo comportamentos da coletividade, ou seja, “eles pretendem delimitar, com efeito, o lugar-comum da coletividade, o espaço que engloba a infinidade de “lugares-comuns” que aí circulam” (MAINGUENEAU, 2008, 39). Sendo assim, os discursos constituintes tem relação direta com os valores fundadores de uma sociedade.

A MÍDIA DIGITAL¹

O alcance, a acessibilidade, a descentralização da produção e a circulação ilimitada de mensagens (OLIVATTI, 2008, 239) são peculiaridades já investigadas exaustivamente pelos pesquisadores da nova mídia. Diante da coletânea de estudos publicados na última década a respeito dos impactos causados pela tecnologia digital, esta pesquisa se concentrará naqueles aspectos que estão intimamente ligados ao *corpus* desta pesquisa.

Em sua minuciosa investigação sobre a profusão de informações geradas e intercambiadas na internet, Lévy se apropriou do relato bíblico do dilúvio para ilustrar o arranjo informativo da grande rede:

¹ Apesar de reconhecer as limitações desta nomenclatura, esta pesquisa se utilizará deste termo para se referir à comunicação mediada pela grande rede, a internet.

“E Jeová fechou a porta por fora” (Gênesis 7,16). A arca foi fechada. Ela simboliza a totalidade reconstituída. Quando o universo está desenfreado, o microcosmo organizado reflete a ordem de um macrocosmo que está por vir. [...] Quando Noé, ou seja, cada um de nós, olha através da escotilha de sua arca, vê outras arcas, a perder de vista, no oceano agitado da comunicação digital. E cada uma dessas arcas contém uma seleção diferente. Cada uma quer preservar a diversidade. Cada uma quer transmitir. Estas arcas estarão eternamente à deriva na superfície das águas (LÉVY, 1999, 15).

O autor afirma ainda que essa nova dinâmica comunicacional incide na construção dos sentidos. Se nas sociedades orais a divergência de sentido era mitigada pelo fato de a mensagem ser recebida no mesmo contexto de sua produção, na comunicação escrita os problemas de recepção e interpretação foram exacerbados pela distância temporal e local entre a produção e a recepção da mensagem. Surgiram então mensagens (entre elas a religiosa) concebidas para preservar seu sentido, independentemente do contexto. Em sua obra, Lévy defende a hipótese de que:

a cibercultura leva a co-presença das mensagens de volta ao seu contexto, como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala [...]. A nova universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos [...]. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si [...] (LÉVY, 1999, 15).

Portanto, o ciberespaço é constituído por esta integração de diferentes vozes em que os participantes têm um papel ativo. Esse papel ativo e coexistente de um enunciador/enunciatário cria uma nova relação entre a audiência e o meio/suporte. A audiência, antes interpelada como agente passiva (ouvinte, telespectador, espectador, e etc), agora é atraída pela interação, o que lhe confere uma nova identidade, ou seja,

o espectador transforma-se no novo usuário que acessa a rede para buscar por sua própria conta tudo o que necessita [...]. Os usuários podem interagir com redes e pessoas [...], e podem criar personagens e papéis, e até mesmo identidades, o que antes só era permitido aos atores, na tela da televisão” (VILCHES, 2003, 21-22).

Vilches destaca que essa interação tem seu início na forma compreensível pela qual a máquina se apresenta ao usuário, propiciando a ele uma experiência de gestão por meio de objetos visuais preparados para interagir. A interface vai muito além da proposta de “interação” de um controle remoto, permitindo “aos usuários usarem as mídias para organizar seu espaço e seu tempo, e não o inverso, como acontecia nos meios tradicionais baseados na manipulação das imagens e dos sons, a partir de um centro emissor” (VILCHES, 2003, 24).

Essa dinâmica comunicativa da mídia digital afeta a produção e o consumo do texto em dois aspectos. No primeiro, verifica-se que a linguagem precisa ser criada para propiciar a escolha e o consumo individualizado, proposta antagônica à do consumo massivo propiciado pelos meios de comunicação de massa. Texto e interface se completam no intuito de arrancar a audiência da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e transformá-la no usuário treinado para buscar a informação e o entretenimento (SANTAELLA, 2003, 27). No segundo aspecto, esse processo afeta também o consumo dos textos, pois, nos meios digitais, a “marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação” (SANTAELLA, 2003, 27). Se, por um lado, a mídia digital propicia uma comunicação massiva em termos numéricos; por outro, não o faz em termos de simultaneidade e uniformidade da mensagem recebida. A multiplicidade de mensagens e de fontes torna a audiência mais seletiva (CASTELLS, 2005, 424).

Castells recorreu aos estudos semióticos para explicar a dinâmica da interatividade no ambiente virtual. A fusão de vários meios em um único espaço – intitulado multimídia – não é uma indução a uma realidade virtual, mas, sim, a construção de uma realidade virtual. O autor argumenta que toda a realidade é comunicada por meio de símbolos e, na comunicação interativa humana, “todos os símbolos são,

de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual” (CASTELLS, 2005, 459). Castells explica que a mídia digital constitui um sistema de comunicação capaz de criar uma *virtualidade real*, pois “todas as mensagens de todos os tipos são incluídas no meio porque este fica tão abrangente, tão diversificado e tão maleável, que absorve no mesmo texto de multimídia toda a experiência humana, passado, presente e futuro” (CASTELLS, 2005, 459).

Castells conclui que essa lógica comunicativa da mídia digital enfraquece o poder simbólico dos emissores tradicionais como a religião, por exemplo, se esta estiver fora do sistema. Porém, uma vez recodificado para essa nova mídia, o discurso religioso tem seu poder multiplicado, pois “as redes de pregadores eletrônicos e as redes fundamentalistas interativas representam uma forma mais eficiente e penetrante de doutrinação em nossas sociedades do que a transmissão pelo contato direto da distante autoridade carismática” (CASTELLS, 2005, 461). No entanto, por coexistir no mesmo ambiente com uma infinidade de outras mensagens (pornografia, política, novelas, bate-papo, etc.) o discurso religioso tem sua transcendência enfraquecida e perde o *status* de supra-humano, pois “todos os milagres estão *on-line* e podem ser combinados em mundos de imagens autoconstruídas” (CASTELLS, 2005, 462).

ENTRE A DIVERSIDADE E A INTRANSIGÊNCIA: O CASO DA UNIVERSAL

Pensar no discurso religioso sob a ótica dos discursos constituintes pressupõe acatar que tal discurso tem como função básica dispor da mais forte autoridade não reconhecendo outra autoridade além da própria, não admitindo quaisquer outros discursos acima dele (MAINGUENEAU, 2008, 37, 43). Para impetrar tal função, esse discurso precisa atribuir a si próprio a missão de assinalar o lugar dos demais discursos constituintes (filosófico, científico, etc.) e daqueles que, apesar

de partilharem do mesmo campo discursivo (o discurso religioso), dispõem de posicionamentos diferentes. No primeiro caso, esse ato irreduzível de atração e exclusão provoca uma constante invocação das ameaças que o discurso científico, por exemplo, oferece ao discurso religioso. No segundo caso, o conflito se dá devido aos modos de vida distintos que cada religião engendra (MAINGUENEAU, 2008, 40, 45).

IURD, uma religião superior à ciência

Para se configurar como um discurso maximamente autorizado, o discurso religioso não pode ignorar as ameaças que o discurso científico representa para si, pelo contrário, deve antecipá-las renegociando seu estatuto.

Para exemplificar isso, toma-se por base o depoimento de Renata Pinheiro (2003). A depoente narra a história de como ficou viúva aos 22 anos de idade durante um assalto em sua residência. Sua narrativa descreve, em um tom dramático, as dificuldades de voltar à rotina depois de ter perdido o marido. Para superar a crise, decidiu casar-se novamente, porém, seus problemas de ordem física e financeira só aumentaram. Nesse ponto da narrativa, a depoente insere um enunciado preso à doutrina iurdiana passível de um questionamento pelo discurso científico:

[...] Eu tinha problema de... de saúde, tinha gastrite [...], tinha problema financeiro, enfim, tinha problema em todas as áreas. Só que um dia eu vi num programa de televisão, e aquilo pra mim, a...aquilo pra mim abriu a minha visão. Eu vi uma pessoa manifestada com o mal, e aquele mal dizendo que ele era o causador daquela viuvez naquela senhora, e que faria ela ficar viúva novamente [...].[sic] (PINHEIRO, 2013. Time Code: 0:40 - 1:06).

Os argumentos do depoimento não apresentam uma racionalidade científica plausível. Ele poderia se contentar como um argumento válido e partilhado entre aqueles de comunidades

discursivas e posicionamentos semelhantes. Porém, como discurso constituinte, sua função é de preponderar sobre quaisquer outros discursos. Para tal, as ameaças são antecipadas nos enunciados que se seguem:

[...] Aí ali, eu me desvencilhei de todo o meu preconceito. Porque infelizmente é assim: quanto mais instrução você tem – eu sou formada em direito, eu sou oficial de justiça federal, meu marido ele é formado pelo ITA [Instituto Tecnológico de Aeronáutica] que é um dos vestibulares mais difíceis aqui do Brasil – e quanto mais instrução você tem, mais preconceito você tem contra a Igreja Universal. Só que ali eu vi que eu não tinha saída: ou eu me desvencilhava do meu preconceito e ia até lá buscá ajuda, ou eu ia ficá viúva de novo e ia tê a vida completamente derrotada [...].[sic] (PINHEIRO, 2013. Time Code: 1:06 - 1:37).

Observa-se que a depoente no primeiro momento apresenta competências que a autorizam no campo discursivo religioso. Em um segundo momento, arrola suas competências no campo discursivo científico (sou formada em direito) para validar seu argumento no campo religioso. Outro fato a ser considerado é que, ao definir seu próprio comportamento diante do discurso religioso como preconceituoso, ela define o de todo enunciatário cuja postura crítica diante do discurso da IURD se assemelha ao que ela mantinha no passado.

A escolha dos termos nessa parte do argumento é cuidadosamente elaborada: em vez de apresentar-se como advogada, o que poderia evocar apenas o exercício de uma profissão, a depoente se apresenta como *formada em direito* – fato que apresenta, por implicação, seu relacionamento com o discurso científico jurídico. Em vez de dizer que foi *liberta* do preconceito, que seria um termo mais apropriado ao campo da religião, usa o verbo transitivo indireto *desvencilhar-se*.

Por fim, ela arrola um termo jurídico/científico para *tipificar* a atitude dos que ignoram a autenticidade e a plausibilidade de seu

discurso: preconceito². Sendo assim, o discurso religioso busca sobrepor-se ao discurso científico usando os próprios termos do discurso jurídico para defender seu posicionamento e sua autoridade.

IURD, a religião das religiões

Como um discurso constituinte, o discurso religioso mantém constantes conflitos com discursos de outros campos discursivos, mas, ao mesmo tempo, cada discurso religioso reivindica para si a supremacia de seu posicionamento em relação aos demais do mesmo campo discursivo. É o que se constata claramente no discurso da IURD.

Uma evidência disso pode ser constatada no depoimento de Letuza Pelúcio. A depoente conta sua história desde a infância e como sofria com as constantes privações financeiras. Na adolescência, diz ter sido influenciada por amigas perigosas até ficar grávida aos dezesseis anos. A imaturidade para sustentar um casamento e as responsabilidades de mãe a agonizaram ainda mais. Frustrada, pôs fim ao seu casamento e assumiu o sustento da filha. Com o passar do tempo, conheceu outro homem com quem resolveu se casar. Nesse ponto do discurso, os enunciados reivindicam a superioridade sobre o discurso de outro campo discursivo – o científico – e também sobre posicionamentos divergentes dentro do mesmo campo discursivo, o das religiões:

Meu marido era formado, tinha duas faculdades, é... tinha a sabedoria que o mundo tem, ele tinha. É... mas, mesmo assim, isso tudo num...num trazia benefício pra nós [...]. E mesmo assim, a gente aprendia muito em outras religiões que a gente frequentava, que tudo aquilo que a gente passava era uma provação era uma... a vontade de Deus, ali a gente aprendia. Então a gente acostumava viver com aquilo, achando assim: deve sê assim. [sic] (PELÚCIO, 2013. Time Code 2:26 – 3:07).

² A lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997 define o seguinte: “Art. 1º Serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#art1>. Acesso em: jun. 2013.

Nesse trecho, enquanto é narrado o ápice de uma crise financeira e conjugal, os enunciados que se seguem reivindicam o posto de discurso maximamente autorizado na medida em que apontam a debilidade do discurso científico e a “incoerência”³ das religiões que pregam um posicionamento divergente do defendido pela IURD.

Há nesse enunciado um cuidadoso trabalho semântico na tentativa de agrupar discursos opostos, o científico e o religioso, no mesmo padrão de ineficiência. Após falar do contato que o marido teve com o campo científico, a depoente insere um enunciado cuja utilização e compreensão depende da participação em um universo semântico religioso: “tinha a sabedoria que o mundo tem”. A expressão “sabedoria do mundo” é utilizada por Paulo na primeira epístola aos Coríntios, por exemplo, no capítulo 3 e versículo 19: “Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus [...]”. Nas palavras da enunciatória o termo é usado quase pejorativamente para distinguir entre o conhecimento científico (sabedoria do mundo) e o religioso. Dentro do campo discursivo religioso cristão, a sabedoria que deve ser almejada pelo fiel é a “sabedoria do alto” (Tiago 3.17), que seria distinta da sabedoria do mundo.

É esse domínio semântico que confere ao enunciador a competência para tecer críticas a outros posicionamentos dentro do campo discursivo religioso. O uso semântico para rotular o discurso científico é o mesmo que instaura a autoridade discursiva do enunciador para ponderar sobre os divergentes posicionamentos dentro do campo discursivo religioso.

³ Dito de outra forma: se Deus é todo poderoso e ama seus filhos, não pode ser da sua vontade vê-los em miséria e sofrimento. Essa seria a lógica defendida pela teologia da prosperidade e assumida pela IURD no ponto 14 de sua declaração de fé. Em que cremos. Arca universal. Disponível em: <<http://www.arcauniversal.com/iurd/emquecremos.html>>. Acesso em: jun. 2013.

CONCLUSÃO

Destas observações, pode-se concluir que ao migrar seu discurso para a mídia digital, a Universal assume os riscos de conviver em um ambiente carregado de discursos outros, porém, não cessa de demarcar seu espaço no próprio ato de dizer.

Tendo em mente que a distância entre o seu argumento e o argumento contrário pode estar a um clique, a IURD estabelece um jogo de antecipação discursiva e insere em seu próprio discurso as possíveis reações e contra-argumentações que seu enunciatório poderia ter diante do discurso por ela apresentado.

Como sua teologia se baseia em um apelo à prosperidade consignado através de milagres, a IURD sabe que encontrará no discurso científico uma ameaça. Sendo assim, por meio de um jogo de apropriação e exclusão constrói sua própria autoridade e tenta demarcar o espaço do discurso científico. Utilizando-se do mesmo jogo, o discurso iurdiano busca estabelecer-se como a única igreja verdadeira entre todas as concorrentes.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVATTI, Tânia Ferrarin. "Internet, youtube e semiótica: Novas práticas do usuário produtor". In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELLA, Jean Cristtus (Orgs). *Semiótica e mídia: Textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. "Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano". *Revista Famecos*, n. 22. Porto Alegre, dez. 2003.

VILCHES, Lorenzo. *A migração digital*. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

NOTÍCIAS E ARTIGOS DA INTERNET

Em que cremos. *Arca universal*. Disponível em: <<http://www.arcauniversal.com/iurd/emquecremos.html>>. Acesso em: jun. 2013.

PELÚCIO, Letuza. *Milagres de Libertação*. Eu creio em milagres. Disponível em: <www.eucreioemmilagres.com.br>. Acesso em jan. 2013. Time Code 2:26 – 3:07.

PINHEIRO, Renata. *Milagres na vida sentimental*. Eu creio em milagres. Disponível em: <www.eucreioemmilagres.com.br>. Acesso em: jan. 2013.

Ronivaldo Moreira de Souza

Doutorando em Comunicação (UMESP)
Mestre em Ciências das Religiões (UNIDA),
Graduação em Comunicação Social/Jornalismo (Centro Universitário
Luterano de Ji-Paraná).

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SOUZA, Ronivaldo Moreira de. "O discurso religioso na mídia digital: entre a diversidade e a intransigência". *Unitas – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 1, jan.-jun., 2014, p. 98-110. Disponível na Internet: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.